

Saul Peña

Naturalidade, mutualidade e o tânatos terapêutico

Saul Peña, psicanalista peruano, fez sua formação em Londres e retornou a seu país em 1969. Ali ajudou a fundar o movimento psicanalítico, ao qual se dedica até hoje. Nesta entrevista a **Percurso**, em S. Paulo, feita em março de 1995, Peña expõe suas idéias a respeito da subjetividade, da mutualidade e do tânatos terapêutico, temas que foram por ele elaborados sob a influência das contribuições de Paula Heimann e de Donald W. Winnicott. Oferece-nos também a oportunidade de apresentar algo do que se passa com a psicanálise no Peru, da qual pouco sabemos.

Percurso: Alguns de seus trabalhos dão ênfase às qualidades pessoais do analista. Em que medida a subjetividade do psicanalista é um instrumento para o exercício de sua função?

Peña: Todos nós, consciente ou inconscientemente, privilegiamos determinado tipo de valores, de natureza e aspecto diferente, que têm relação com a experiência que cada qual viveu desde muito precocemente. Penso que há uma ideologia inconsciente, se posso denominá-la assim. Ela não é necessariamente imutável, porém tampouco é facilmente modificável. Vai se desenvolvendo dialeticamente, até o nível em que cada um necessita ter espaço para se dar conta de quais são os valores que realmente privilegia. Dou ênfase a certos aspectos que para analistas de outras perspectivas seriam

Participantes: Afranio de Mattos, Antonieta P. Fisch, Cecilia L. Montag Hirschzon, Decio Gurfinkel, Janete Frochtengarten e Mara Selaibe. Edição: Grupo de Entrevistas.
Tradução: Marise L. Wahrhaftig

vistos como elementos contrários, vulneráveis, que poderiam não favorecer o desenvolvimento de uma formação e sim perturbar, interferir ou dificultar a situação. Há uma subjetividade saudável, favorável, criativa, que no entanto não deixa de ser científica. É um preconceito imenso acreditar que, onde há subjetividade, haja uma situação que coloque a pessoa em desvantagem. Um analista não tem por que, necessariamente, assumir uma atitude inibitória e supercontrolada, que por vezes vai contra sua espontaneidade, sua criatividade, sua naturalidade, sua liberdade, sua responsabilidade. Acredito que quando se tem uma formação associada a certo grau de maturidade, de força e de possibilidade de reconhecer justamente o que se está sentindo, a questão da neutralidade se desloca. Não creio em neutralidade. Acredito que a única possibilidade de neutralidade é a consciência da não-neutralidade. Tendo isto por base, fica logicamente resguardado um espaço para um elemento de neutralidade. Não se trata de hipertrofiar a subjetividade, nem tampouco o inverso. A subjetividade simplesmente está colocada nas situações humanas. Além da subjetividade, valorizo também a contratransferência, a autenticidade, a naturalidade, a inteligência, a cultura, a discrepância. Paula Heimann foi minha analista. Eu a escolhi em função de certas coincidências: era uma mulher muito inteligente e de muita personalidade, uma mulher que dizia as coisas, que apostava, que arriscava e dispunha de autenticidade. Havia entre nós uma mutualidade.

Percurso: Paula Heimann integrou por muito tempo o grupo kleiniano. De outro lado, sabemos que o Sr. foi supervisionado por Winnicott, com quem o Sr. ainda hoje mantém uma afinidade em seu trabalho. Neste contexto,

gostaríamos que nos falasse sobre o ponto de vista de Winnicott, que não considerava a pulsão de morte.

Peña: A opinião de Winnicott a respeito da não-existência do instinto de morte, assim como sua sustentação de que a agressão provém fundamentalmente da frustração, derivam de uma posição monista, que eu não compartilho. Apesar da enorme importância que, como vocês sabem, ele dava à agressão, à destrutividade e ao ódio. Por exemplo, veja um trabalho tão im-



Acredito que a única possibilidade de neutralidade é a consciência da não-neutralidade.



portante como “O ódio na contratransferência”. Eu integro os aspectos que na minha experiência coincidem com Paula Heimann e Winnicott. Aqui há uma situação que inclui a todos nós: você pode dizer que não é kleiniano, por exemplo, ou que não é freudiano, ou ainda, que não acredita em determinada coisa, mas na sua prática depara-se com o fato de que, em certos momentos, está trabalhando justamente com aquilo que você diz não ser ou não acreditar. Neste aspecto também incluo Winnicott. Quanto à sua posição teórica, é lógico que ele questionasse a pulsão de morte. O temperamento e a personalidade de Winnicott eram muito singulares; não era uma pessoa que se deixas-

se simplesmente influenciar pelos outros. Era uma pessoa que, em certos momentos, dava a impressão de estar em seu próprio mundo, em sua própria constelação imaginativa, empática, intuitiva. Pois bem, este homem, logicamente, tinha uma grande maturidade. Ele não era sedutor - pelo menos não quanto à sedução usual. Vou dar um exemplo que mencionei num de meus trabalhos. Winnicott supervisionava um trabalho meu junto a um menininho encopretico. Era uma situação terrível. O garoto cuspiu em mim, atirava brinquedos em mim, rasgava seus desenhos mas, ao mesmo tempo, encantava-me. Um dia Winnicott me perguntou o que o menino provocava em mim. Respondi dizendo que este menino fazia comigo aquilo que não era capaz de fazer com sua mãe nem tampouco com seu pai. Com seu pai e sua mãe tinha que “mandar a bomba” através do ânus, sendo esta a única maneira que encontrava para poder expressar sua agressão. Comigo, não; era capaz de fazer uma série de coisas. Winnicott respondeu: “Bom, você é quem sabe. Ele é seu paciente, eu não sei nada. Mas, parece-me *que pode ter havido um pesadelo em que o menino está fazendo você experimentar o que ele experimentou na realidade onírica e, através disto, quer fazer você sentir o quanto ele se sentiu perseguido, para ele ser o perseguidor, para que você compreenda como é o perseguidor que ele tem dentro de si mesmo*”. O que é um pesadelo? Um pesadelo contém um elemento de agressividade e uma presença tanática, mesmo se no sonho manifesto se trata de um conteúdo sexual. Neste caso, estamos diante de uma sexualidade punitiva, ameaçadora, ou seja, tanática.

Percurso: Winnicott, no artigo “O medo do desmoronamento”, coloca a questão da não-existência, uma experiência universal, que é

quase uma queda no vazio. Parece, por vezes, algo que se aproxima muito da pulsão de morte: é o momento de desligamento, de quebra. Ele fala em *vazio*, em *sensação de morte*. Como o Sr. vê isso? Não se poderia pensar que a pulsão de morte está lá, formulada do jeito dele, neste artigo mais tardio, e que se podem reler algumas coisas de Winnicott à luz destas afirmações expostas no final da sua carreira?

Peña: Concordo. Creio que seu trabalho e suas contribuições, como o artigo que você assinala, dão a impressão de um reconhecimento implícito da existência da pulsão de morte. Muitas vezes as diferenças entre os analistas são mais semânticas que reais. Possivelmente houve também uma reação. Os kleinianos, ao menos alguns deles, exacerbaram as referências à morte, à agressão, ao tânatos, como se estivéssemos possuídos exclusivamente por eles. Quem sabe não tenha havido nas formulações de Winnicott um movimento genuíno dirigido a equilibrar as coisas.

O tânatos destrutivo, não o tânatos criativo, este é o que adoece. É o que chamo de *agressificação destrutiva* da libido. Creio que a questão do instinto de morte, que muitas vezes se discute e se especula do ponto de vista teórico, quanto à evidência é palpável e quase diária. Tive supervisões com Winnicott e com outras pessoas que não acreditam nisto, e os respeito, embora eu acredite.

Considero que Freud agarrou-se, no início, à sexualidade, porque era definitivamente algo que se via, havia muito o que se dizer a respeito, pela época, pela repressão, etc. Mas não penso que a sexualidade faça adoecer, de maneira alguma; falo da sexualidade saudável. O estupro não é sexualidade; é uma desculpa para uma agressão destrutiva da libido, que se quer apresentar como sexual quando é

basicamente tanática e destrutiva. De modo que trabalhamos com Eros e Tânatos.

Isto me leva a associar com outro conceito meu, que é o *tânatos terapêutico*. Pode-se falar em um Eros psicoterapêutico, mas há também o *tânatos terapêutico*. Seria uma idealização da psicoterapia postular que tudo é amor, acreditar que existe somente Eros. Eu sou dualista. Percebo o tânatos terapêutico em mim, percebo-o nas relações humanas, e no que quer que seja. Há momentos em que se



Na mutualidade
gera-se um sentimento
em que está
implícita a liberdade
de cada um,
uma confiança
não-idealizada



tem de trabalhá-lo com determinados pacientes, não porque tenha sido comandado pelo supervisor, mas sim porque se sente que é preciso responder agressivamente, porém direcionando de forma criativa. Se, com determinados pacientes, justamente muito difíceis, não se utiliza o tânatos terapêutico, estanca-se no meio do caminho e este paciente não avança. Deve-se vivenciar e proporcionar ao paciente a possibilidade de sentir que não é somente ele que odeia, ou que apenas ele é o parricida ou matricida, mas o analista também o pode ser.

Percursos: Há pouco o Sr. falou da mutualidade. Trouxe até um exemplo da sua própria aná-

lise. O que seria mutualidade, e especialmente aquilo que o sr. denomina *mutualidade dos inconscientes*?

Peña: A mutualidade é algo que associo à liberdade, não somente a minha, mas também à do outro. Ou seja, quando se faz alguma coisa, não para receber necessariamente a retribuição por aquilo que você pode dar ou de, mas sim pelo próprio valor e significado que tem o estar comprometido, envolvido, vivendo esta experiência. A escolha de uma analista, por exemplo, envolve o interesse não apenas do paciente em ser analisado por esse analista, mas também o do analista em analisar tal paciente. Eu falava disso quando lhes contava de minha escolha por Paula Heimann. Senti que não apenas eu me interessara por ela, mas também que ela se interessara por mim.

Em minha opinião, a mutualidade ocorre quando se gera um sentimento em que está implícita a liberdade de cada um, uma confiança não-idealizada, um reconhecimento de que esta pessoa está com você e você com ela em uma situação de liberdade. Este sentimento de mutualidade se refere ao fato de ambos estarem sintonizados em uma relação a dois, pois mutualidade significa que estão compartilhando algo não apenas no nível prazeroso, que é bem-vindo, mas também no nível de sofrimento, de dor.

Lembro agora de uma pessoa que foi analisada por Winnicott, a qual respeito muito e a quem eu recorria frequentemente. Trata-se de Margareth Little, uma mulher extraordinária em termos de aproximação com psicóticos. Digo isso para lembrar que o psicótico é uma pessoa que esteve carente de experiências de mutualidade. Vou lhes dar um exemplo: Paula Heimann estava doente e adormeceu em uma sessão. Para mim isto foi lindo. Para outras pessoas poderia ter sido terrí-

vel contar que sua analista adormeceu, como se isso fosse o fundamental. Pode-se adormecer, não que seja aconselhável dormir, mas isto pode ser analisado. E a continuidade do vínculo, não por obrigação, vai superar o ocorrido. O paciente, ao término de sua análise, deve começar a se preocupar não somente com ele, mas também com seu analista, e tem de restituir as imagens internas de seus pais.

Percorso: No início da nossa conversa o Sr. mencionou a naturalidade como um dos predicados desejáveis do analista. Como relacionar o falso *self* de Winnicott com a idéia da naturalidade? Estamos aqui falando e mantemos algo do falso *self*, porque a absoluta naturalidade não é tão frequente. Por mais liberdade que tenhamos junto aos pacientes, por mais que concordemos que a análise é criação - porque se a análise for repetição ela é dogma, não é análise - nunca estamos com nossos pacientes como num domingo entre amigos ou com nossos filhos ...

Peña: Na naturalidade, acredito que existam inicialmente dois elementos: um de espontaneidade e outro de autenticidade e genuinidade. Porém, há um terceiro elemento: a verdadeira naturalidade seria aquela que integra o *self* verdadeiro com o falso *self*. Isto quer dizer que não é um conceito ideal, nem permanente e tampouco completo; tem graus, momentos, desenvolvimento ... Tirar isto não quer dizer nada. É como quando digo que se tem de incorporar a agressão com Eros e Tânatos integrados. Para Winnicott, falso *self* significa aquela criança que teve um *impeachment*, uma carência, a ausência de uma experiência saudável em suas relações objetivas precoces, que deixaram um oco, um vazio, uma fratura, uma ruptura, disso depende o tipo de falso *self*. Poder-se-ia

dizer que a naturalidade tem de integrar, para que seja natural, todos os nossos elementos, incluindo os de falso *self*.

Percorso: Temos interesse em saber do Sr. como está a Psicanálise no Peru e na América Latina

Peña: No Peru a Psicanálise está passando por uma fase muito favorável e positiva. Está sendo recepcionada, incluída, respeitada pela cultura, e existem muitos trabalhos interdisciplinares. O psicanalista é chamado a participar de fóruns ou painéis importantes, a se



A naturalidade tem de integrar, para que seja natural, todos os nossos elementos, inclusive os de falso *self*.



pronunciar sobre qualquer tema que esteja relacionado com algum assunto significativo dentro da cultura; frequentemente é convidado a falar na televisão, nos jornais, nas revistas, no rádio. Porém pelo que estou vendo fora do país, a situação não é a mesma. Por exemplo, nós mesmos nos temos dado conta, no Peru, de que já somos uns sessenta analistas na Sociedade. São talvez umas duzentas pessoas, um pouco mais, os que se dedicam a uma orientação analítica. Neste momento estamos fazendo um levantamento na comissão de ensino, e concluímos que já estamos chegando ao limite. Quer dizer que todos estão trabalhando, todos têm pacientes,

todos ganham bem. Entretanto, mais um pouco e já vai começar a não haver mais pacientes em número suficiente para todos. No início da minha atividade, há vinte e cinco ou mais anos atrás, havia pacientes em lista de espera. Atualmente, esta tem diminuído consideravelmente.

O que distingue a psicanálise peruana é a ideologia humanista de seus membros: filósofos, historiadores, lingüistas, antropólogos, sociólogos e teólogos, além de psiquiatras e de psicólogos, que pertencem à nossa Sociedade. Em segundo lugar, a sua qualidade antidogmática; está aberta não somente a pensamentos psicanalíticos novos, como também a todas as expressões de pensamento sério, profundo e reflexivo, que se situam por vezes em certa discrepância em relação à própria psicanálise. Em terceiro lugar, a importância que damos ao vínculo, não somente no que se refere ao paciente, mas também aqueles que dizem respeito ao analista. E por último, quero dizer que a psicanálise peruana tem uma atitude, uma aplicação e uma orientação em direção ao clínico, ao social, ao mítico, ao histórico, ao cultural, em continuação com a orientação que o próprio Freud deu à psicanálise.

No meu entender, a identidade psicanalítica latino-americana nutriu-se fundamentalmente do inconsciente freudiano; logo, do inconsciente europeu, depois do americano, e por último do nosso próprio inconsciente. A psicanálise é uma expressão universal da pessoa, do homem, do ser humano. Nos últimos cinquenta anos, nós, os analistas latino-americanos formados no estrangeiro, retornamos aos nossos países para exercer a análise no solo latino-americano, e desta vinculação, desta intimidade, desta intra-, inter- e trans-subjetividade surgiu a psicanálise latino-americana.